



Stilus

PUBLICAÇÃO
SEMESTRAL

(Nº 6/7)

Revista de
Cultura Algarvia

Volume Duplo

A GERAÇÃO DE 70

*por J. C. Vilhena Mesquita**

Convencionou-se denominar “Geração de 70» à plêiade de intelectuais que no dealbar da década de setenta do século XIX decidiu romper com o estrutural ronceirismo em que o país se deixara adormecer. Ao fim e ao cabo era o retomar do acostumado antagonismo entre o passado e o futuro, a conservação do status quo e a revolução. Não se trata de uma revolução política, com violência e sangue nas ruas, mas simplesmente de uma revolução das ideias e dos modos de ver, de sentir e de exprimir as emoções. A inovação cultural, o progresso técnico e a reforma social só seriam possíveis através de profundas alterações no aparelho educativo, na mentalidade burguesa e na sociedade política. Mas esses conflitos de relacionamento intelectual sempre ocorreram, embora com maior acuidade após a reforma pombalina da Universidade de Coimbra. No fundo o que está aqui patente é a democraticidade educativa pela qual passaram as sucessivas gerações, cuja crispação ocorre normalmente nos pontos de viragem, ou seja quando uma geração sucede a outra. Quer isto dizer que mais ou menos em cada quarto de século vemos a nova geração a procurar denunciar os erros da antecessora para ganhar o seu próprio espaço de intervenção social e política.

O espelho natural desta constante conflitualidade geracional reflecte-se nas Belas Artes. É aí que nascem os movimentos culturais que influenciam as mentalidades e alteram comportamentos, quando não revolucionam a organização sociopolítica. Se olharmos para a Arte verificamos que a pintura convulsiona as atitudes e maneiras de pensar, sendo nisso quase sempre acompanhada por um movimento literário que se deixa emparceirar debaixo da mesma designação. Foi assim com o Renascimento, o Barroco, o Romantismo, o Naturalismo, o Realismo, o Impressionismo, o Expressionismo, o Surrealismo, etc. Tudo novas

*Professor universitário e Presidente da AJEA

formas de pensar, analisar e interpretar as coisas que fazem do homem um ser eminentemente social.

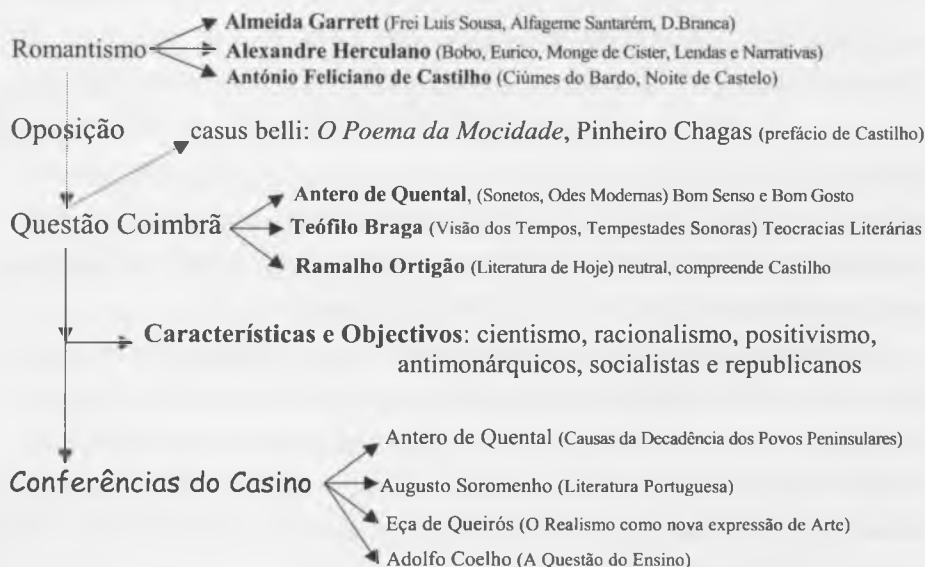
O r a a
«Geração de
70» foi precisa-
mente isso, um
movimento de
ideias, uma des-
construção da
sociedade e dos
seus liames
tradicionais,



rompendo com as convenções obsoletas duma burguesia pretensiosa e aristocracizada, anquilosada nos preceitos religiosos do passado e ancorada nos carcomidos pés do secular trono bragantino, que o devir dos tempos e as novas concepções revolucionárias tornaram de todo ultrapassado.

O despontar para a cena pública da denominada “Geração de 70” teve a sua origem em Coimbra, em redor dos bancos universitários, no decorrer do biénio de 1865-66. Foi o tempo em que decorreu a acalorada polémica literária conhecida por «Questão do Bom Senso e do Bom Gosto», mas que também se costuma designar por «Questão Coimbrã». A problemática gira em torno, mais uma vez da manutenção do passado em contraposição ao surgimento da renovação. Será a partir da decantada «Geração», «Escola» ou «Dissidência de Coimbra», que se inicia a Literatura Portuguesa Contemporânea, através dos movimentos literários do Naturalismo e do Realismo. Isto é, dá-se início ao novo espírito científico, aberto, tolerante e europeizado, em oposição ao velho sentimentalismo literário e medievalista dos românticos, espiritualmente católicos e politicamente conservadores, monárquicos e retrógrados.

O problema pode esquematizar-se do seguinte modo:



Estavam anunciadas: *Os Historiadores Críticos de Jesus*, por Salomão Sáragga, *O Socialismo*, por Batalha Reis, *A República*, por Antero de Quental, *A Instrução Primária*, por Adolfo Coelho, *A Dedução Positiva da Ideia Democrática*, por Augusto Fuschini.

As Conferências do Casino Lisbonense representam a implantação das novas ideias políticas, económicas e culturais, que preconizavam uma profunda reforma da sociedade burguesa. Vinham importadas de França e da Europa revolucionária, sendo rapidamente adoptadas pela juventude académica que se pretendia afirmar cultural e politicamente numa sociedade conservadora e sem espírito regenerador, que atraía os próprios princípios liberais à sombra dos quais renascera.

A importação de obras estrangeiras, sobretudo de Proudhon, Darwin, August Comte, Marx e Engels, veio convulsionar as concepções político-socioeconómicas em que se estribava a sociedade portuguesa. O que as Conferências pretendiam era chamar a atenção para o historicismo, para as ciências sociais e políticas, para o positivismo e para o evolucionismo que revolucionaram a Ciência, para a Internacional Socialista, para o Realismo na Arte, para a crença no progresso através da tecnologia, enfim para a emergência de um novo espírito crítico, que não se compadecia com a conservação das ideias do

passado. Antero numa carta que escreveu a Teófilo Braga definiu as «Conferências Democráticas», como um local «aonde se tratem as grandes questões contemporâneas, religiosas, políticas, sociais, literárias e científicas, num espírito de franqueza, coragem, positivismo, numa palavra, com radicalismo». E acrescentava claramente quais os princípios éticos, filosóficos e políticos pelos quais se norteava o grupo dos novos que o apoiaram na «Questão do Bom Senso e do Bom Gosto», assim como nas chamadas «Conferências Democráticas»:

«Seremos em religião, pelo sentimento criador do coração humano, contra os mitos doutrinários das teologias; seremos em política, pelo governo do povo pelo povo; em sociologia, pela emancipação do trabalho, em literatura e arte, pelo fim social e civilizador da arte e da literatura, combatendo as tendências egoístas e esterilizadoras que hoje predominam. Só dentro disto é que todas as opiniões são perfeitamente livres».

Embora o expoente intelectual e revolucionário das Conferências residisse na figura de Antero de Quental, o certo é que foi Eça de Queirós quem nas *Farpas* afirmaria com a-propósito: «era a primeira vez que a Revolução sob a forma científica tinha em Portugal a sua tribuna.» Logicamente o negativismo e radicalismo dos conferencistas que se mostravam hostis aos princípios e instituições que de há séculos conduziam os destinos da nação, propondo a sua reformulação e substituição por novas concepções estéticas, políticas e ideológicas, suscitou o descontentamento da burguesia instalada e a própria indignação do governo. Por outro lado, a situação parecia agravar-se com a perspectiva de ver um judeu como Salomão Sáragga a falar em público sobre a Vida de Jesus. O Marquês de Ávila e Bolama, ao tempo Presidente do Ministério, sentiu-se na obrigação de mandar encerrar as Conferências, gerando-se em torno dessa atribulada ingerência na vida cultural dos cidadãos uma verdadeira onda de protesto e indignação contra o Governo. Estava, assim, ganha a batalha de Antero e de Eça contra o ronceirismo cultural do país, fazendo das Conferências um autêntico acontecimento revolucionário.

Geração de 70 - **intervenientes:** Antero de Quental, Augusto Soromenho, Eça de Queirós, Oliveira Martins, Teófilo Braga, Manuel de Arriaga, Batalha Reis, Guilherme de Azevedo, Augusto Fuschini, Salomão Sáragga.

(média de idades 29 anos)

Uma das consequências práticas da emergência social, cultural e política da «Geração de 70» foi o surgimento de novas correntes de opinião e de inovadoras concepções estéticas da criação intelectual, quer fosse literária ou artística. Daí que tenhamos assistido ao aparecimento do movimento operário e de uma nova consciencialização das classes trabalhadoras sobre a exploração humana, do movimento socialista, do partido republicano, dos projectos de reformulação dos métodos pedagógicos na educação infantil através de novos métodos de aprendizagem (como o de João de Deus), das correntes artísticas do Realismo e do Naturalismo, enfim, assiste-se a uma crescente contestação da organização social, económica, cultural e política que irá desembocar na revolução republicana e na mudança do regime, com Teófilo Braga e Manuel de Arriaga como resistentes e herdeiros do espírito da «Geração de 70».



À espera dos barcos, de Marques de Oliveira, quadro da fase final do naturalismo

Dos movimentos artísticos mais directamente implicados com a mensagem estética e filosófica da «Geração» há que apontar especialmente o Realismo e o Naturalismo. Vejamos, sucintamente em que consistiam:

O **Realismo** foi enunciado por Eça de Queirós, na 4.^a Conferência do Casino (“Realismo como nova Expressão da Arte”) como uma corrente literária despojada do sentimentalismo e do nacionalismo medievalista dos ultra-românticos, que se deveria estribar na observação e na objectividade do romancista. A verdadeira, senão a única, inspiração para as suas obras deveria extrair-se da realidade que o rodeia e da análise dos factos sociais. Citava como exemplo os quadros de Gustavo Courbet e os romances de Flaubert (*Madame Bovary*) como monumentos do realismo vigente na Europa. Foi, porém, mais concreto e conciso quando afirmou que o realismo era uma espécie de “anatomia do carácter”, uma crítica ao próprio homem, um quadro que nos retrata «para nos conhecermos, para que saibamos se somos verdadeiros ou falsos, para condenar o que houver de mau na nossa sociedade».

Em suma, o Realismo postergava o sentimentalismo e a retórica lírica, em benefício do rigor da observação e da denúncia das anormalidades quer físicas quer, sobretudo, psicológicas. Colocar o leitor em confronto com a realidade da vida, nos seus aspectos mais abjectos e degradantes, identificam e individualizam a nova estética literária de que Eça foi talvez o expoente máximo, ao lado de Antero, Oliveira Martins, Guerra Junqueiro e Ramalho Ortigão. Constituíram estes cinco intelectuais e literatos uma espécie de baluartes da inteligência nacional, que marcaram com o seu talento uma época de grandes reformas e de acelerado desenvolvimento cultural. E se há período de que verdadeiramente nos orgulhamos é precisamente do fim do século passado e da transição para o novo regime. Na corrente do Realismo vemos passar além de Eça outros romancistas famosos como Fialho de Almeida, Trindade Coelho, etc.

A transição do Realismo para o Naturalismo faz-se pela mão do poeta João de Deus cuja estética literária se revê na simplicidade e na naturalidade das coisas que lhe serviram de inspiração. Ser simples e ser

natural foi a mensagem que nos deixou, sem porém alinhar em quaisquer movimentos de índole cultural, artístico ou político. Como afirmaria Camilo Castelo Branco: “João de Deus não tem escola. É ele”. A prova dessa desafecção está no facto de nunca ter pertencido a qualquer cenáculo literário, nem de nunca ter imitado modas ou de se deixar influenciar pelas novas correntes estéticas importadas da Europa letrada. Numa carta a Eugénio de Castro deixa-lhe expresso um conselho que mais parece uma definição da sua própria obra e do seu feitio literário: *«...seja cada vez mais de si mesmo, fechando um pouco os olhos ao esplendor das maiores celebridades, para não as seguir, dando-nos sempre cousas novas, cousas suas»*.

A corrente **Naturalista** que teve em França percursores de conceito, como Émile Zola, pode definir-se em si como uma interpretação filosófica da dependência do Homem perante a Natureza, da sua grandiosidade, da sua diversidade ambiental, da sua riqueza e generosidade, mas, ao mesmo tempo, da sua extrema simplicidade. Não são precisas muitas palavras, nem rebuscados recursos estilísticos para descrever a natureza, basta ser preciso, concreto e autêntico.

No romance o Naturalismo procurou o caminho da tese, descrevendo psicopatologias da aristocracia e das grandes famílias burguesas do capitalismo mercantil. Mas, também a miséria, a doença, a promiscuidade do proletariado, as particularidades culturais e linguísticas de determinados povos e regiões, foram alvo da temática, da observação criteriosa, quase clínico-patológica dos escritores naturalistas. Os personagens dos romances naturalistas apresentam-se como herdeiros de uma educação, de um certo ambiente natural, social e cultural, por vezes privados de personalidade própria, como que extraídos da galeria freudiana. Existe nesta espécie de condenação da hereditariedade sociocultural um fatalismo da carne, que os personagens assumem e desempenham na perfeição. Então nos romances de Zola esse fatalismo é quase incontornável.

Enquanto o Realismo apenas descreve os problemas sociais, o Naturalismo vai ao âmago das questões procurando analisar as suas causas e consequências, acrescentando uma explicação científica para justificar os

factos sociais e as atitudes pessoais. No fundo, as fronteiras entre os dois movimentos estético-literários não são muito cavadas, pelo que por vezes chegam a confundir-se, sobretudo nos seus preconceitos científicos. Não raras vezes confundem-se até pela sua coexistência cronológica. Digamos que o Realismo teve o seu início na «Questão Coimbrã», em 1865 atingindo o auge com as «Conferências do Casino», em 1871, enquanto o Naturalismo parece encontrar a sua data de nascimento em 1875 com a

edição do romance *O Crime do Padre Amaro* de Eça de Queirós. Porém, os grandes precursores do Naturalismo foram sobretudo Júlio Loureço Pinto, Reis Dâmaso, Júlio Dinis, Abel Botelho, Raul Brandão e até o próprio Eça de Queirós. Pode dizer-se que além de Abel Botelho não houve propriamente uma plêiade de escritores naturalistas ou de um Naturalismo v i n c a d a m e n t e português. Só na pintura, com Silva Porto, Malhoa ou Columbano é que



atingimos de facto níveis de qualidade que extravasaram as nossas fronteiras naturais e culturais.